

Resenhas

Richard H. Armstrong, 2005. *A Compulsion for Antiquity: Freud and the Ancient World*. Ithaca e Londres: Cornell University Press. 320 pp. ISBN-13: 9780801443022

O gosto de Freud pela Antiguidade, e pelas antiguidades, é bem conhecido. As fotografias mostram o seu gabinete pleno de delicadas estatuetas e outros artefactos, bem como de uma profusão de objectos que foi reunindo ao longo da vida. Richard Armstrong propõe-se, com este livro, investigar o significado e as consequências para a psicanálise desta predilecção tão marcada por parte do seu fundador. Sabemos como gostava de comprar antiguidades e as referências a este gosto são abundantes na sua correspondência.¹ Numa carta a Stephan Zweig, escreve: 'Fiz muitos sacrifícios pela minha colecção de antiguidades gregas, romanas e egípcias e na realidade, li mais sobre arqueologia do que psicologia' (cit. in Armstrong, p.34).

O livro está dividido em três partes. A primeira introduz a questão da compulsão de Freud pela Antiguidade/antiguidades; a segunda debruça-se sobre a relação entre o trabalho psicanalítico da memória e os discursos contemporâneos da história, e a terceira analisa a narrativa freudiana da história. Tal como o próprio autor assume, a grande questão deste livro é a íntima relação entre duas narrativas: a da Antiguidade como constitutiva da identidade europeia e a narrativa freudiana do psiquismo.

A primeira parte do livro abre com uma citação, de Jacques Derrida: 'Por um lado, ninguém iluminou melhor do que Freud aquilo a que chamámos o princípio arcóntico do arquivo, que em si pressupõe não o *arche* originário mas o *arche* nomolológico da lei, da instituição, da domiciliação, da filiação. Ninguém analisou, há que dizer, tão bem, ou desconstruiu, a autoridade do princípio arcóntico como ele. [...] Mas, por outro lado, na vida como na obra, nas suas teses teóricas como na compulsão da sua estratégia institucionalizante, Freud repetiu a

lógica patriarcal. Ele declarou, designadamente em *O Homem dos Ratos*, que o direito patriarcal (*Vatterrecht*) marcava o progresso civilizador da razão (cit. in Armstrong 2005, p.9, itálicos no original). O livro de Richard Armstrong é não só sobre o coleccionismo, mas também sobre a memória que o arquivo histórico perpetua. É um livro sobre a *historia* no sentido grego do termo – e sobre a relação de Freud com a história. Heródoto aplicou a palavra *historia* à investigação em relação ao passado, é esse o étimo da palavra: inquirir, questionar. (Finley 1975, p. 30²; Rocha Pereira 2003³, p. 286), investigar, explorar (Machado 1995, Vol.III, p. 235⁴).

De acordo com a tese de Armstrong, a compulsão de Freud pelas Antiguidade/antiguidades deve ser histórica e sociologicamente situada no âmbito das circunstâncias que rodearam a sua aprendizagem escolar, e sobretudo na conjuntura científica marcada pela revolução darwiniana; pela crescente visibilidade do discurso antropológico e etnográfico; pela profissionalização da historiografia e da arqueologia que correspondia a um interesse, em expansão, de o público pelas questões históricas. O século XIX confronta, pois, a radical novidade do passado, que parece emergir súbita e escandalosamente na imaginação dos contemporâneos. Curiosamente, e em à parte, dir-se-ia que estamos, actualmente, numa posição inversa, caracterizada por um radical desinteresse pelo passado, e uma obsessão pelo presente.

Note-se, assim, portanto, o paralelismo entre a emergência do passado e a erupção do inconsciente. O arquivo do inconsciente fala, sem ser dito. O arquivo da história expressa-se também, por vezes, mudamente, ou através do equivalente dos sonhos que são os mitos. Sabemos como a mitologia(s) foram importantes para Freud e para a sua construção teórica. A tese de Armstrong é a de que a explosão do interesse pelas mitologias é um fenómeno do

2 Finley, M. *The Use and Abuse of History*. London: Chatto & Windus, 1975.

3 Rocha Pereira, M. H. *Estudos de História da Cultura Clássica*. (2 vols.). Lisboa: Gulbenkian, 2003.

4 Machado, J. P. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (5 Vols.). Lisboa: Livros Horizonte, 1995.

1 Ver, entre outros, *Notre Coeur Tend vers le Sud: Correspondance de Voyage*, com prefácio de Elizabeth Roudinesco. Paris: Fayard 2005.

seculo XIX e que Freud foi um homem do seu tempo; tempo passado, tempo presente, tempo futuro. Os tempos entrecruzam-se, como nos sonhos e nos deslizes e lapsos da linguagem; memória do futuro, como escreveu Bion.

A história e a psicanálise estão, desde o início, intimamente ligadas, e assim o quis nitidamente o seu fundador. O *Gymnasium*, que o jovem Sigmund frequentou à época tinha uma maioria de alunos de ascendência judaica, como sublinha Armstrong, constituindo um lugar de aculturação da comunidade judaica e que lhe deu a possibilidade de acesso às profissões mais bem pagas, como a medicina. O pai de Freud, Jacob, não teve acesso ao *Gymnasium* nem ao seu estilo cultural muito próprio, assente no conhecimento da história e da antiguidade clássica. Nunca o Império Austro-Húngaro e a cultura germânica tinham sido tão *helénicos*, nem a formação escolar tão helenizante. O nazismo, como sabemos, apropriou-se de uma mistura propangandística dos mitos helénicos e germânicos, que servia os seus próprios ideais racistas e de conquista da Europa. Que isso não nos demova, no entanto, de percebermos como a formação clássica foi essencial na educação do jovem Freud. A *Kultur*, a civilização, tem coisas bizarras, e hoje espanta-nos sabermos que o primeiro congresso sionista (1897) abriu com uma audição de Wagner.

A estratégia que Armstrong utilizada na investigação a que se propõe relaciona-se com aquilo a que ele chama a dimensão pessoal, a analógica e a evidenciária. A primeira tem a ver com a trajectória pessoal de Freud, a sua vida e a sua biografia. Na já referida carta a Stephan Zweig, Freud escreve mais adiante: 'Eu sei a partir das miniaturas que o formato requer que artista simplifique e omita, mas então é duma falsa imagem que se trata (cit. in Armstrong, p.34). Na opinião de Armstrong, a compulsão de Freud pelo colecionismo de antiguidades é uma questão aparte da sua área profissional, mas que ocupava um espaço íntimo tão importante como o que era ocupado pela sua actividade profissional. Numa carta a Ferenczi, em que recorda a viagem à Sicília que tinham feito juntos nesse ano (1910), Freud comenta como é estranha a facilidade com que se sucumbe a uma inclinação, isolando as formações da personalidade (p.34). E a Jung, escreve, em Setembro de 1910: 'A viagem foi muito rica e providenciou a realização de desejos de que a minha economia interna estava muito precisada. A Sicília é a parte mais bonita de Itália e preservou fragmentos únicos do passado grego,

reminiscencias infantis que tornam possível a inferência do complexo nuclear'⁵.

A dimensão analógica diz respeito ao uso intenso que Freud faz dos símiles na sua escrita, método muito seu e que Wittgenstein, como Armstrong sublinha, comenta do seguinte modo: 'Um bom símile refresca o entendimento' (p.39). A dimensão evidenciária, por sua vez, assenta no pressuposto de que a ontogenia recapitularia a filogenia. Ou seja, o desenvolvimento do indivíduo repetiria de forma abreviada a evolução da espécie. Esta era, como sabemos, a tese cara a Freud e que foi teorizada por Haeckel. Escreve Armstrong: 'O resultado é uma nova construção da evidência baseada num conjunto de equivalências: o infantil torna-se arcaico e pré-histórico; as regressões neuróticas equivalem a crenças e práticas antigas, os rituais são sobrevivências do primitivo e infantil; os sonhos podem ser associados aos mitos e vice-versa' (Armstrong 20005). A teoria da repressão, designadamente, evidencia não só um mecanismo de defesa, mas também um fenómeno macro-histórico que tem operado desde sempre.

Por último, fica no ar a clássica pergunta: até que ponto foi determinante a judeidade de Freud? Como sabemos, há vários autores, entre eles George Steiner, que defendem a tese de que a psicanálise não seria o que foi se o seu fundador não fosse judeu⁶. Armstrong não partilha desta opinião. Para ele, mais do que a ascendência judaica de Freud, foi determinante a história e a cultura da Europa em que Freud cresceu e viveu.

Trata-se de um livro escrito de uma forma viva e bem documentada, de erudita, mas agradável e profícua leitura, e que vem lançar uma luz peculiar sobre a relação de Freud com a *Kultur*.

Clara Pracana

5 *The Freud and Jung Letters*. Nova Iorque: Picador, 1979.

6 Ver, entre outros, *Nostalgia do Absoluto*. Lisboa: Relógio d'Água, 2003.